PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

APARECIDA KELLY DE ANDRADE SILVA

RESUMO

A educação pode ser entendida como uma prática social humanizadora. O homem não nasce humanizado, mas pressupõe-se que se torna humano por seu pertencimento ao mundo histórico-social. Segundo os historiadores, a História da Educação sofreu transformações econômicas, sociais e políticas de acordo com a época e a civilização em que se encontrava. Tais transformações influenciaram também o cenário educacional. Assim, este trabalho teve por objetivo discutir a Psicologia da Aprendizagem no contexto da História da Educação, a partir de pesquisa de caráter bibliográfico a respeito de reflexões sobre o tema, podendo-se concluir preliminarmente que o aprendizado da psicologia passou a fazer parte da história da educação; estudando e demonstrando o desenvolvimento do estudante quanto a evolução da aprendizagem. Assim, é preciso conhecer dentre as teorias da Psicologia da Educação a fim de compreender e considerar as especificidades dos estudantes ao longo do processo de ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: História da Educação; Psicologia da Educação; Educação Tradicional; Escola Nova.

INTRODUÇÃO

A educação pode ser entendida como uma prática social humanizadora intencional, com a finalidade de transmitir a cultura construída pela humanidade. O homem não nasce humanizado, mas, pressupõe-se que se torna por seu pertencimento ao mundo histórico-social e pela incorporação desse mundo em si mesmo.

Segundo os historiadores e estudiosos, a História da Educação sofreu transformações econômicas, sociais e políticas de acordo com a época e a civilização em que se encontrava. Tais transformações influenciaram também o cenário educacional brasileiro.

Inicialmente tem-se a Educação tradicional que corresponde à concepção de educação dos povos da Antiguidade oriental, ou seja, que antecedem aos gregos e romanos do período clássico. Esses povos se desenvolveram em um período marcado pelo desenvolvimento da agricultura e de excedentes comerciais.

Como problemática, tem-se que trazendo para os dias atuais, a educação tradicional ainda se encontra extremamente enraizada, enfatizando o desenvolvimento de conteúdos em detrimento do desenvolvimento do estudante, acerta do seu próprio protagonismo.

Como hipótese tem-se que o mundo está em constante transformação e o advento de novos valores, em disputa com a tradição, influenciam de forma marcante tanto os modelos de educação, quanto as reflexões pedagógicas

O presente artigo teve por objetivo discutir a Psicologia da Aprendizagem no contexto da História da Educação; e como objetivos específicos, discutir sobre as contribuições que os diferentes autores trouxeram para a área educacional.

Assim, foi escolhida metodologia qualitativa com base em artigos e diferentes autores que discutem a respeito do tema.

PSICOLOGIA DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO EDUCACIONAL

Entre os séculos XVI e XVII, ocorreu o Renascimento e a Reforma Religiosa. Nesse período houve o crescimento do número de colégios por conta do interesse das pessoas pela educação.

De acordo com Aranha (2006), o surgimento dos colégios, nesse período, foi um fenômeno que acompanhou a nova visão de infância. Na Idade Média as crianças viviam misturadas e faziam praticamente as mesmas coisas que os adultos, ou seja, eram tratados como pequenos adultos. A partir do Renascimento, o cuidado em separá-los e organizá-los por graus de aprendizagem passou a ser compromisso da sociedade.

No século XVII, Comenius, bispo protestante, cientista, escritor e pedagogo, considerado o fundador da Didática Moderna, desenvolveu ideologias avançadas sobre a área da Educação, partindo do pressuposto das experiências sensoriais.

Já Rosseau, filósofo, teórico político e escritor, considerado um dos principais filósofos do Iluminismo e um dos precursores do

Romantismo, desenvolveu suas teorias baseadas no interesse das crianças e no mundo que as cerca (ARANHA, 1996).

Para a época, ambas as ideias estavam vinculadas a metodologia tradicional, ou seja, aquela em que o professor é o detentor do conhecimento, e que com o desenvolvimento da Educação passou a não ser mais eficaz para atender as novas necessidades da sociedade.

Conforme a sociedade foi se desenvolvendo, novas teorias e formas de aprendizagem e educação se mostraram necessárias, contribuindo assim para o surgimento de novos sistemas de ensino:

O iluminismo educacional representou o fundamento da pedagogia burguesa, que até hoje insiste, predominantemente na transmissão de conteúdos e na formação social individualista. A burguesia percebeu a necessidade de oferecer instrução mínima, para a massa trabalhadora. Por isso, a educação se dirigiu para a formação do cidadão disciplinado. O surgimento dos sistemas nacionais de educação, no século XIX, é o resultado e a expressão que a burguesia, como classe ascendente, emprestou a educação (GADOTTI, 1995, p.90).

Henrique Pestalozzi (1746-1827), afirmava que a função principal de ensinar é desenvolver habilidades naturais e inatas junto as crianças. Para ele, a escola ideal deveria ser além de uma extensão da casa da criança como também retratar o ambiente familiar, oferecendo assim uma atmosfera de segurança e afeto.

Nesta concepção, a criança se desenvolve de dentro para fora, diferente da escola tradicional. O professor deveria respeitar os estágios de desenvolvimento da criança de forma a orientá-la. Ou seja, dar atenção à sua evolução, suas aptidões e necessidades, de acordo com a faixa etária em que se encontra, e ensinar a ler e imitar a natureza, como metodologia pedagógica.

Herbart, filósofo alemão, foi o primeiro a caracterizar a pedagogia como uma ciência, de forma organizada e sistemática, com objetivos claros e bem definida. A estrutura teórica construída por Herbart é baseada no funcionamento da mente, o que a tornou pioneira, além do caráter científico, ele adotou a psicologia aplicada como eixo principal da educação.

O pensamento de Herbart permanece até hoje, pois, o pensamento pedagógico encontra-se extremamente vinculado às teorias de aprendizagem e à psicologia do desenvolvimento, o que remete a Jean Piaget.

Ou seja, suas contribuições para a psicologia e a pedagogia continuam até hoje, mas seu pensamento e sua prática do século 19 se tornaram ultrapassados, pelo movimento da escola ativa. Dewey (1859-1952), o principal representante, fez inúmeras considerações críticas às concepções de Herbart.

Com o surgimento da Escola Nova, a educação recebeu uma série de intervenções que não existiam na Escola Tradicional. No Brasil, na década de 1960 os conteúdos muitas vezes não faziam sentido para os estudantes. Boa parte dos conteúdos desenvolvidos eram relacionados à produção e ao mercado de trabalho, relacionada a Revolução Industrial.

A Escola Nova favoreceu o desenvolvimento da autonomia e da criticidade dos estudantes, o que não acontecia até então. Assim, a atuação do professor e do estudante, é indispensável para o bom andamento da aprendizagem e de todo o processo envolvido ao longo do percurso. Dentro desse mesmo movimento surgiu uma nova concepção de educação: a Pedagogia de Projetos. Vários são os representantes desse novo movimento como Montessori, Decroly, Claparède e Ferrière.

Em outras palavras é aprender com base nas experiências. O estudante desenvolve o projeto para planejar suas ações, coleta informações, e finalmente, compreende suas causas e consequências, desenvolvendo a criticidade e a autonomia (LEPRE, 2008).

Saviani, filósofo e pedagogo brasileiro, defende no âmbito das políticas educacionais e nas escolas, que os educadores se encontram entre duas posições antagônicas, a Pedagogia Nova x Pedagogia Tradicional. Defende-se uma educação histórico-crítica, conhecida também como crítico-social dos conteúdos que tem por objetivo principal a relação entre a transmissão de conhecimentos significativos que contribuam para a inclusão social.

Já Libâneo (1990), defende a Pedagogia Crítico-social, em que a educação tem o desafio de propiciar aos estudantes o desenvolvimento de diferentes competências e habilidades. Nessa concepção de educação, o estudante tem a responsabilidade de assumir sua posição de agente ativo para a transformação social.

Assim, seguem-se os interesses da sociedade, atribuindo à instrução o papel de propiciar aos estudantes o domínio dos conteúdos a fim de desenvolver o raciocínio lógico e científico, tornando-o um cidadão crítico perante toda a sociedade.

Por isso, atualmente, as concepções de educação são variadas, sendo necessário escolher a que se encontra mais de acordo com a realidade da escola e da comunidade na qual está inserida.

SOBRE A APRENDIZAGEM

A relação entre a Psicologia e a Educação existe desde os tempos coloniais. No Brasil, quando se começou a relacionar educação, pedagogia e aspectos psicológicos, o rumo da educação começou a se modificar.

A aprendizagem pode ser definida como a aquisição de novos conhecimentos, experiências vivenciadas e determinadas por fatores internos e externos que modificam o comportamento humano e que dependem de condições relacionadas ao físico, ao mental, ao sensorial, aos sentimentos e as relações sociais (COLL, 1999).

A aprendizagem, atualmente, é um dos temas principais pesquisados pela Psicologia da Educação, já que o comportamento e o conhecimento humano são aprendidos de acordo com as relações estabelecidas. Autores como Wallon, Piaget, Vygotsky e Skinner discutem as teorias da aprendizagem.

Pensando na aprendizagem, relaciona-se à forma como a criança apreende os conhecimentos da experiência humana, ou seja, aquilo que seu grupo conhece e o mundo que o cerca. As crianças aprendem interagindo com outras pessoas. É a partir dessas interações que ela vai ampliando seus conhecimentos, seu repertório cultural e se apropriando dos conhecimentos de mundo, atribuindo significado para aquilo que vivem.

A Psicologia da Aprendizagem teve um considerável crescimento no Brasil, na década de 1960, a partir das ideias de Jean Piaget, Vygotsky e Henri Wallon (LEPRE, 2008).

Caracterizada por um estudo complexo no qual se conhece como os conhecimentos são adquiridos pela criança, espera-se que o professor compreenda como funciona esse processo reconhecendo a natureza social da aprendizagem. Além disso, estuda o lado psicológico do homem, observando como ocorre a evolução da capacidade intelectual, motora, afetiva e social.

Quando estudada em conjunto com a Psicologia do Desenvolvimento, pode-se detectar as atividades psíquicas do ser humano, produtos da interação cultural, ontológica e genética:

[...] a história da Psicologia da Educação confunde-se, sobretudo nas suas origens, com a história da psicologia científica e com a evolução do pensamento educativo. Até o final do século XIX, aproximadamente, as relações entre psicologia e educação estiveram totalmente mediadas pela filosofia. Por um lado, a psicologia é o componente essencial das visões mais ou menos globais do mundo que a filosofia proporciona; por outro lado, as propostas educativas normalmente embasam o seu fundamento nos princípios básicos dos grandes sistemas filosóficos. Assim, se não se pode falar de nenhuma maneira da psicologia da educação durante este período, pode-se averiguar, porém, as influências que as explicações psicológicas de natureza filosófica exerceram no pensamento educativo (COOL, 1999, p. 19).

A Educação do século XIX trouxe a necessidade de se relacionar psicologia e educação. Herbart introduziu a Psicologia dentro da Pedagogia. Como pesquisador, desenvolveu sua teoria psicológica com base nas experiências como professor, por isso, sua teoria não é meramente um estudo dos processos mentais, mas sim, prioritariamente educacionais.

Para se compreender a Pedagogia de Herbart, é necessário entender a sua visão de Psicologia (VASCONCELLOS, 1995).
Herbart, influenciado por Kant, cuja filosofia reúne percepções e ideias, trouxe explicações sobre a atividade mental privilegiando a ação intelectual do ser humano em contato com a realidade, observando a maneira como o pensamento do indivíduo se organiza a partir das percepções sensíveis.
Herbart procurou compreender a atividade mental dos indivíduos perante a realidade que os cerca, ultrapassando o modelo clássico das faculdades mentais, entendendo o conhecimento humano como resultado de um processo mental dinâmico, baseado em um fluxo de ideias constante, juntamente com a vontade própria do indivíduo.
Conhecimento e vontade caminham lado a lado, preocupando-se com a formação do caráter das crianças. Herbart considerava a mente como um sistema dinâmico de ideias, dividido entre consciência e inconsciência influenciado pela vontade. Vontade e consciência bem instruídas seriam fatores importantes em sua teoria pedagógica (ARANHA, 1996).
Ainda:

Antes de Herbart, ocupava-se, primeiro, das questões de educação e de instrução separadamente. Somente num segundo momento surgiu a preocupação em saber como a instrução poderia apoiar-se na educação e vice-versa. Em sua teoria pedagógica, ao contrário, Herbart ousa subordinar a noção de instrução à de educação (HILGENHEGER, 1993, p. 2).

Essa interação entre ideias antigas e novas, quando divergentes da moral, podem se tornar conflitantes, gerando prejuízos para o indivíduo, resultando em sentimentos ou desejos inaceitáveis. É nesse momento de conflito, que o professor deve interferir no processo de ensino e aprendizagem, ele poderá orientar sobre os conflitos expressos visando o desenvolvimento de um caráter moral saudável.
Assim, uma das funções da educação seria agir sobre a vontade do indivíduo, orientando o fluxo de ideias em seu conteúdo moral e promover uma sequência didática relacionando assuntos anteriores com assuntos novos, trazendo aplicações práticas (NASCIMENTO, 2003).
A proposta metodológica de ensino de Herbart de certo modo já idealizava uma espécie de compreensão de como se dá a aprendizagem, por uma via psicológica importante: o significado do objeto percebido. Para isso, o professor deveria instruir a mente do estudante de forma sequencial, comparativa e científica. A aprendizagem, neste caso, tem uma compreensão de conotação associacionista, partindo de uma visão de sistematização mental da experiência, em que a experiência anterior aliando à experiência nova de ensino (NASCIMENTO, 2003).
Nas concepções de Herbart o mecanismo cognitivo não é igual às respostas associadas a estímulos, mas consiste em: assimilação, em que toda ligação nova se relaciona em um esquema ou em uma estrutura anterior já existente. A atividade organizadora do indivíduo deve ser tão importante quanto às ligações inerentes aos estímulos exteriores, pois a sensibilidade vai sendo construída com base nos estímulos à medida que são assimiláveis às estruturas já construídas, que se modificarão e enriquecerão novas assimilações (PIAGET e INHELDER, 1994).

Nessa conceituação identificam-se afinidades com os pressupostos psicológicos de Herbart e suas contribuições à pedagogia:

A educação deve servir ao cultivo dos valores que a Nação, como espírito universal, detém; a educação deve, antes, subordinar-se à Razão do Estado; a educação é a alma da cultura, cujo fim é a formação humana dentro dos mais altos padrões éticos da Nação, de modo que os indivíduos a ela se submetam e por ela se sacrifiquem, E o processo da formação humana se dá pela via intelectual, isto é, pela instrução educativa (LIBÂNEO, 1990, p.62).

A experiência empírica, as sensações, o ceticismo inferior e superior, são fundamentais para o pensamento:

O ensino tece um fio longo, fino e suave (que o toque da sineta parte e, de novo, emenda), fio esse que, em que cada momento, prende o próprio movimento intelectual do aluno e que, na medida em que se desenrola, segundo a sua medida no tempo, confunde a velocidade daquele, não seguindo os seus saltos, nem dando tempo ao se repouso. Como é diferente a intuição! Ela apresenta de uma só vez uma superfície ampla e vasta. O olhar, recomposto do primeiro momento de surpresa, divide, liga, move-se de um lugar para outro, para, repousa, eleva-se de novo – junta-se o tacto e os outros sentidos, concentram-se os pensamentos, começam as experiências, de que resultam novas formas e de que despertam novos pensamentos – por todo o lado existe uma vivacidade livre e plena, em todo o lado gozo da abundância apresentada! Como pode o ensino alcançar esta abundância e este modo sem exigências e sem constrangimentos! (HERBART, 2010, p. 76–77).

A PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

Pensando sobre o desenvolvimento da História da Educação, bem como a Psicologia da Aprendizagem, sabendo-se que existem inúmeros teóricos que desenvolveram estudos a respeito das teorias de aprendizagem interacionistas e cognitivistas como Piaget, Wallon e Vygotsky, porém, foi dada ênfase ao filósofo alemão Herbart, uma vez que ele foi o pioneiro em desenvolver sua teoria de aprendizagem voltada para a psicologia e a ciência.
Essas ideias permanecem até os dias atuais, a partir das mais variadas correntes teóricas, mas, é importante enfatizar o quanto as teorias de aprendizagem se desenvolveram a partir da Psicologia.
Ao se aprofundar nas teorias de aprendizagem, melhora-se a práxis pedagógica, aperfeiçoando a compreensão acerca de como se dá o processo de ensino e aprendizagem, permitindo uma visão geral do quadro educacional, de modo que possam integrar diferentes abordagens que facilitem o trabalho pedagógico (GADOTTI, 1995).
Com relação ao viés psicológico à aprendizagem é referenciada por diferentes autores, que leva em consideração a forma como esse processo ocorre, respeitando as especificidades de cada estudante.

A psicologia integrada à pedagogia observa a maturação do físico, das descobertas, dos erros e acertos, além dos comportamentos que nos levam a apresentar uma determinada reação que até então não existia diante de uma determinada situação ou conteúdo:

O estudo do pensamento e da linguagem é uma das áreas da psicologia em que é particularmente importante ter-se uma clara compreensão das relações interfuncionais. Enquanto não compreendermos a inter-relação de pensamento e palavra, não poderemos responder, e nem mesmo colocar corretamente, qualquer uma das questões mais específicas desta área. Por estranho que pareça, a psicologia nunca investigou essa relação de maneira sistemática e detalhada. As relações interfuncionais em geral não receberam, até agora, a atenção que merecem. Os métodos de análise atomísticos e funcionais, predominantes na última década, trataram os processos psíquicos isoladamente (VYGOTSKY, 1998, p.1).

Para Vasconcellos (1995), a Psicologia ligada à Educação, a outras áreas de conhecimento que mais se destacam são as de ensino, aprendizagem e desenvolvimento. O conhecimento proveniente dessas áreas tenta explicar os processos psicológicos presentes nas práticas cotidianas do professor.

Por isso, destaca-se Herbart, pois, o filósofo via a educação como uma ciência. Ele trouxe para a pedagogia o caráter da objetividade de análise, o rigor, a psicometria e a sistematização do método. Segundo ele, a ação pedagógica é orientada por três pilares principais: o governo, a instrução e a disciplina (LEPRE, 2008).

De acordo com as ideias de Herbart e de pesquisadores sucessores a suas ideias, percebe-se uma interdependência entre psicologia e educação, sobretudo na área pedagógica, articulando teoria e prática. É possível afirmar que o processo pelo qual a psicologia conquistou sua autonomia como área de saber e a sua integração a área da educação dentro da pedagogia nas primeiras décadas do século XX estão intimamente relacionados.

É possível afirmar que psicologia e educação são, historicamente no Brasil, mutuamente ligadas uma à outra. Foi a partir das concepções de Herbart, que se consolidou a articulação entre psicologia e educação, surgindo às bases para a consolidação daquilo que nos Estados Unidos e na Europa já vinham sendo desenvolvidas sob o nome de psicologia educacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o levantamento bibliográfico realizado pode-se concluir inicialmente que atualmente a Psicologia da Aprendizagem faz parte da História da Educação, pois, mostra uma evolução no campo educacional; o que inicialmente não era uma preocupação, hoje tornou-se muita.

No passado, quando a concepção dominante de educação chamada de Escola Tradicional, não existia a necessidade de uma psicologia para acompanhar ou entender como se dava o processo educativo. A mesma só se tornou necessária a partir do surgimento da Escola Nova. A revolução que esta nova metodologia trouxe nos processos de ensino e aprendizagem contribuiu para o surgimento de questões mais específicas a respeito da educação surgindo a necessidade de se estudar sobre como se dá a aprendizagem.

Ainda se tem que as teorias comportamentais, envolvem a aprendizagem com base no comportamento dos indivíduos, levando-se em consideração questões ambientais. Já as teorias cognitivistas, acreditam que a aprendizagem acontece na relação do sujeito com o meio que o cerca, o que leva a uma organização interna do seu cognitivo como forma de interação com o mundo.

Independentemente da teoria relacionada a psicologia da aprendizagem, em geral a construção do conhecimento se caracteriza como um processo evolutivo, deve-se levar em consideração as capacidades da criança de apreender o objeto e possibilitar que esta interação traga significado ao seu mundo, respeitando-o e levando-se em conta sua opinião.

Ou seja, a aprendizagem formal e informal acaba por se caracterizar em uma construção que envolve o erro como possibilidade ao longo da caminhada rumo ao acerto.

A análise psicológica no tocante a aprendizagem é baseada e referenciada em diversos autores e conceitos, que levam em consideração a forma como esse processo se dá, nos diferentes indivíduos, pois cada um tem suas especificidades.

Para isso se observa a maturação física, as descobertas, o erro, o comportamento, que nos leva a apresentar uma determinada reação que até então não existia a respeito de determinada situação ou conteúdo.

REFERÊNCIAS

ARANHA, M.L.A. História da Educação. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

COLL, S.C. (Org). Psicologia da Educação. Porto Alegre: Artmed, 1999.

GADOTTI, M. Histórias das ideias pedagógicas. São Paulo: Ática, 1995.

HILGENHEGER, N. Johann Friedrich Herbart (1776-1841). Tradução de José Carlos Libâneo. Revue trimestrielle de l'Éducation Comparée, Paris, v. XXIII, n.3-4, 1993. Disponível em: http://professor.ucg.br/SiteDocente/home/disciplina.asp?key=5146&id=3552. Acesso em: 01 abr. 2023.

LEPRE, R.M. Contribuições das teorias psicogenéticas à construção do conceito de infância: implicações pedagógicas. Rev. Teoria e Prática da Educação, v.11, n.3, p.309-318, set./dez. 2008.

LIBÂNEO, J.C. Didática. São Paulo: Cortez, 1990.

NASCIMENTO, R.O. Comentários sobre as teorias da mente e a psicologia da educação. APRENDER - Cad. de Filosofia e Psic. da Educação Vitória da Conquista Ano I n. 1 p. 41-48, 2003.

PIAGET, J.; INHELDER, B. A psicologia da criança. Tradução de: Octavio Mendes Cajado. 13 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1994.

VASCONCELLOS, V.M.R. de. Perspectiva Co-construtivista na Psicologia e na Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

VYGOTSKY, L.S. Pensamento e Linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1998

_____. Concepções de Educação. Disponível em: http://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/pedagogia/concepcoes-de/32405. Acesso em: 02 abr. 2023.

_____. Herbart, o organizador da pedagogia como ciência. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1775/herbart-o-organizador-da-pedagogiacomo-ciencia. Acesso em: 03 abr. 2023.

_____. Pestalozzi, o teórico que incorporou o afeto à sala de aula. Disponível em: https://novaescola.org.br/conteudo/1941/pestalozzi-o-teoricoque-incorporou-o-afeto-a-sala-de-aula. Acesso em: 04 abr. 2023.